

## **FOLHETO DE CORDEL: AUTORIA FEMININA**

**Caroline Sandrise dos Santos Maia** (UFPB)

carolinesandrise@gmail.com

**Wanderson Diego Gomes Ferreira** (UFPB)

wanderdiego@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo discutir os cordéis de autoria feminina, destacando os temas escolhidos pelas cordelistas, bem como as dificuldades encontradas por essas mulheres que se enveredaram por um território dominado pelos homens. Através de pesquisas bibliográficas, observou-se a ausência de folhetos de autoria feminina nas Antologias de cordel, fato que nos incentivou a pesquisar o tema. O cordel se estabelece no Brasil a partir do século XIX, quando os primeiros exemplares são impressos. A autoria desses folhetos era exclusivamente masculina, visto que as funções incumbidas às mulheres numa sociedade patriarcal eram baseadas no silêncio e na reclusão dos afazeres domésticos e educação das crianças. Segundo Falci (1997), as mulheres sertanejas eram treinadas para desempenharem o papel de mãe e até as de família mais abastadas deveriam ser educadas para no máximo escrever livros de receitas ou de orações. Apenas em 1938, Maria das Neves Batista Pimentel, filha do poeta e editor de cordel Francisco das Chagas Batista, sob o pseudônimo de Altino Alagoano, nome do esposo, publica um cordel com o título “O violino do diabo ou o valor da honestidade”, primeiro cordel feminino publicado no Brasil. Após Maria das Neves, só em meados dos anos 60/70 que surgem outras cordelistas.

Palavras-chave: Folheto de cordel. Autoria feminina. Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

A autoria dos folhetos de cordel, em sua maioria, foi, durante muito tempo, e ainda é masculina. A origem da literatura de cordel está ligada à disseminação de narrativas tradicionais que a memória popular manteve e foi transmitindo. Porém, ao mesmo tempo em que esses romances, novelas, narrativas de guerras e viagens, eram transmitidos, começaram a aparecer a descrição, de fatos contemporâneos, acontecimentos sociais que detinham a atenção do povo.

A literatura de cordel no Nordeste brasileiro tem raízes portuguesas, surgiu a partir do romanceiro peninsular, e veio de carona com os colonizadores, no século XVI. Alguns fatores contribuíram para que o nordeste se tornasse o local ideal para a literatura de cordel, como as condições étnicas e o ambiente social. Sobre essas condições, a Fundação Casa de Rui Barbosa (1986, p. 13) diz que

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta, a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano escravo ali se fez de maneira estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências. Depois, o próprio ambiente social oferecia condições que propiciavam o surgimento dessa forma de comunicação literária, a difusão da poesia popular através de cantorias em grupo e de forma escrita. (BARBOSA, 1986, p. 13)

É importante lembrar que o analfabetismo no sertão nordestino era recorrente, assim, as histórias eram contadas pelas pessoas letradas da família, nos serões, nas rodas de cantoria. Apenas no século XIX, com o surgimento das tipografias, que o cordel se consolidou.

Vale ressaltar que em épocas anteriores ao rádio, o cordel foi o jornal dos sertões, pois levava as notícias do mundo em forma de versos às comunidades mais afastadas. Também foi a cartilha do homem rural, visto que a maioria das pessoas não tinha acesso às escolas. Sobre o grau de instrução dos poetas de cordel, Márcia Abreu (1997) diz que os poetas tinham pouca ou nenhuma instrução formal e que ou aprenderam a ler com parentes ou conhecidos, eram autodidatas ou aprenderam a ler ouvindo as leituras de folhetos, feitas por autores ou vendedores.

É neste cenário do século dezenove que a literatura de cordel se consolida no nordeste brasileiro. Esta mesma época, a mulher, independente da classe social, tinha a incumbência de realizar os afazeres domésticos, ficando privada de realizar qualquer outro serviço, sob a pena de ser ridicularizada pela sociedade.

Desta forma, esse trabalho objetiva explicar sobre a autoria feminina de folhetos de cordel, um gênero que até hoje demonstra ser um território masculino, visto que são poucas as poetisas encontradas. Nosso interesse em pesquisar tal tema surgiu quando ao olharmos as antologias de cordel percebermos que não haviam nomes femininos nelas. Também pela pequena quantidade de folhetos de cordel de autoria feminina, encontrado presente no acervo do projeto ao qual participamos.

## **A MULHER NO SÉCULO XIX**

Para entender a escassez de autoras de folheto de cordel, faz-se necessário saber que o cordel se consolidou no sertão nordestino no século XIX. Segundo Falci (1997), ali fez-se uma sociedade fundamentada no patriarcalismo, dessa maneira, em tal século,

no sertão nordestino, o feminino ultrapassava a barreira das classes, ou seja, mulheres ricas ou pobres, cultas ou analfabetas, livres ou escravas, tinham as mesmas condições e deveres.

Ainda que as mulheres da elite tivessem certo grau de instrução, isto estava restrito ao ambiente privado, pois a ela não era possível participar ativamente do espaço público do mundo econômico, político, social e cultural, visto que a mulher não era considerada cidadã política. As hierarquias eram rígidas, no topo, acima de tudo, o homem, o fazendeiro, o político, ou mesmo o vaqueiro.

Ainda sobre as condições femininas no século XIX, Falci (1997) diz que as mulheres não tinham muitas atividades fora da casa. As mais ricas eram treinadas para realizar o papel de mãe e as prendas domésticas, cozinhar, costurar, bordar e criar os filhos. Já as mais pobres faziam doces, arranjos de flores ou bordados por encomenda, para ajudar no sustento dos filhos. Porém, essas ocupações não eram valorizadas, além de serem mal-vistas pela sociedade. Essas mulheres tornavam-se alvo de fofocas, difamação por parte da população, que além de falarem das mulheres, acusavam o homem da casa de incapaz de sustentar a família. Por isso, muitas vendiam o produto de suas atividades através de outras pessoas, por não querer aparecer. No século XIX, era inquestionável que a mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro.

### **Maria Das Neves Batista Pimentel e outras Cordelistas**

É neste cenário que Maria das Neves Batista Pimentel inicia a escrever seus folhetos. Filha do poeta e editor Francisco das Chagas Batista, e casada com Altino de Alencar Pimentel, Maria das Neves publicou seu primeiro cordel com o título “O violino do diabo ou o valor da honestidade”, sob o pseudônimo de Altino Alagoano.

Esse folheto pode ser o primeiro cordel de autoria feminina, publicado no Brasil. Em depoimento colhido por Maristela Barbosa de Mendonça, para dissertação do mestrado, a cordelistas explica que usou o pseudônimo porque naquele tempo, todos os folhetos vendidos na livraria do pai tinham nome de homem, pois não existia folheto feito por mulher e ela não queria ser a única, então o marido Altino disse para ela colocar o nome Altino Alagoano.

A solução encontrada por Maria das Neves para vender seus folhetos e ser aceita pela população numa sociedade patriarcal foi o uso do pseudônimo, um recurso que foi muito usado pelas mulheres na literatura para fugir da censura.

Segundo Queiroz (2006), apenas a partir da década de 1970 que vão aparecer autorias assumidamente femininas, como Vicência Macedo Maia, que publicou em Salvador, no ano de 1972, o folheto “ABC da Umbanda”.

Sobre a temática explorada nos versos femininos da atualidade, Queiroz (2006) afirma que existe alguns pontos em comum com os folhetos de autores masculinos.

As histórias de Lampião, Padre Cícero, de animais, e religiosas misturam-se com temas que exploram o cotidiano, no tempo e na comunidade em que vive a cordelista. Assim a escrita do cordel feminino é enriquecida com veios sociológicos, filosóficos, históricos que se unem a feições familiares e tradicionais, em total harmonia no texto poético.[...]Muitos desses folhetos aliam a atividade da escrita a um trabalho didático, têm fins específicos e são utilizados em sala de aula como suporte em algumas áreas do conhecimento. (QUEIROZ, 2006, p. 59-60)

Através de nossas pesquisas encontramos cordelista que fizeram e que fazem a diferença neste universo da literatura popular, para que todos tenham conhecimento sobre os títulos dos folhetos de autorias femininas, estaremos colocando uma tabela com os nomes das autoras e título.

AUTORAS	TEMAS
Ana Maria Cavalcante	O Que é? O Que É? (Vol. 1)
	O Que é? O Que É? (Vol. I e II)
Auxiliadora Barbosa	Boneca de Pano.
Dalinha Catunda X Rosário Pinto	Fuxico de Mulher - Peleja Virtual
Érica Montenegro	Monteiro Lobato – Sua Vida E Trajetória
	Chove Chuva, Chuvarada!
	Racismo não tá com nada diga Não á Discriminação
	O Baile Da Giraga
	Joaninha Bonitinha e a Luta Pelo Meio Ambiente.
	Variação Linguística
	Alimentação Saudável Conhecendo o Valor das Frutas
Fanka	Agora São Outros 500! Tupy Or Not Tupy

Francisca Faustina de Andrade.	O Casamento de Mariazinha.
Isaura de Melo Souza	Jeito Bom do Namoro
Isaura Melo e Oliveira De Pannels	Cordel Matéria Viva
Janete Lainha Coelho	A Vassoura da Bruxa
	Jorge Amado e Amado Jorge
Josefa Lurdinete Pessoa Moreira	Sonho de Menina
Madalena Souza Castro	Ainda é Tempo de Salvar Olinda.
Maria Alda De Oliveira	Cantores do Infinito
Maria Betânia E Olegário Filho	A História do Negro Cão e a Bêbada Apaixonada.
Maria De Fatima Coutinho	De Cordel e de Mulher Muito se tem a dizer.
	A Vida Da Mulher
	Da Luta do Povo Nasce uma Escola em Santa Rosa.
Maria do Rosário Lustosa da Cruz	Fanka do Juazeiro - A defensora do nosso cordel
Maria Godelivie	Eita! Paixão dos diabos e um poema de Patativa.
	O Gostosão
	Tapa trocada não dói – Ou chifre com chifre se paga.
	Um Marido duvidoso Ou Um Casamento interesseiro.
	O Homem que beijou uma alma.
	Eita! Paixão dos diabos e um poema de Patativa
	Viagem á Santa Vontade
Maria Ilza Bezerra	Romeu e Julieta
	Nas Garras do Gavião
Maria Nelcimá de Moraes Santos	A Virgem Luzia ou o Martírio de uma virgem.
	O Escritor José Lins Do Rego.
	Um Capeta No Forró Da Pitombeira
	Saudosa Quixaba

	O Feijãozinho Teimoso
	O Menino do Engenho (José Lins Do Rego)
	As travessuras do saci
	O feijãozinho teimoso
	O Centro Cultural São Francisco.
	E assim Deus fez o mundo
	A cura de outrora
	O Anjo e a maldição se sara.
	A Saga da Profª Nelcimá
	O Velhinho que escapou da solidão.
	A Cura de outrora II
	A Cura de outrora III
	O tormento de Mirinha com as botijas
	...E assim deus fez o mundo
	A perseguição de uma índia no pico do Yayu.
Maria Rosimar Araújo	A escravidão no Brasil
Nysia Floresta	Versos Escriptos Na Capella De Saint Alfieri, Em Napoles
Salette França	Ser Nordestino
Salette Maria Da Silva	Mulheres (invisíveis) de Juazeiro
Socorro Soares	A micarande e o maior São João do mundo
Telma Maria Gomes Pinho	História da ilha do bispo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a presença no cordel é bastante arraigada na problemática do machismo, e que no decorrer dos anos a presença da mulher no cordel vem se ampliando, principalmente com as lutas feministas na década de 50. Com isso ocorreu à liberdade de expressão das mulheres e a ampliação de autoras e temas publicados no Brasil.

As temáticas utilizadas pela autoria feminina variam bastante, mostrando, portanto que a variedade é um dos fatos importante da para formar uma antologia de autoria feminina. Percebe-se, contudo que a abordagem que as mulheres dão a certos

temas é mais sensível e mais delicadas, muitas delas conseguem falar sobre assuntos sérios com uma delicadeza digna do dito “sexo frágil”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos. In: **Estudos de Literatura Oral**. Faro (Portugal): Centro de Estudos Ataíde Oliveira, Universidade do Algarve, n o 3, 1997.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão Nordeste. In: PRIORE, Mary del .(Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Literatura popular em verso**: Estudos. Rio de Janeiro: MEC, 1986.

GHILARDI, M. I. (Org.) . **Representações do Feminino**. 1. ed. Campinas, SP: Átomo, 2003. v. 1. 235p .

MENDONÇA, Maristela Barbosa. **Uma voz feminina no mundo dos folhetos**. Brasília: Thesaurus, 1993.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas**: percepções do universo feminino na literatura de cordel. 2006. (Mestrado Literatura Brasileira) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6WEK7J> - 10k. Acesso em 18/09/13.

SILVA, Salete Maria da, **Mulheres fazem**. Juazeiro do Norte: Gráfica Lira Nordestina, *Sine Data*.

\_\_\_\_\_ **Mulher também faz cordel**. Salvador: Fundação Cultura do Estado da Bahia, *Sine data*.